

MONS. ESCRIVÁ DE BALAGUER

# AS RIQUEZAS DA FÉ

SEPARATA DA REVISTA «RUMO» N.º 154 — DEZEMBRO — 1969

**N**ESSE canto às riquezas da fé que é a Epístola aos Gálatas, S. Paulo diz-nos que o cristão deve viver com a liberdade que Cristo para nós ganhou (IV, 3). Foi isto que Jesus anunciou aos primeiros cristãos e que permanece ao longo dos séculos: a boa nova da libertação da miséria e da angústia.

A história não está submetida a forças cegas nem é o resultado do acaso: é sim a manifestação das misericórdias de Deus Pai. Os pensamentos de Deus superam os nossos pensamentos, diz a Escritura (cfr. Is. Lv. 8; Rom. XI, 33); por isso, confiar no Senhor significa ter fé apesar dos pesares, indo para além das aparências. A caridade de Deus — que nos ama eternamente — está por detrás de cada acontecimento, embora por vezes de uma maneira oculta para nós.

Quando o cristão vive de fé — com uma fé que não seja simples palavra, mas sim realidade de oração pessoal —, a segurança do amor divino manifesta-se em alegria, em liberdade interior. Esses nós que por vezes apertam o coração, esses pesos que esmagam a alma quebram-se e desfazem-se. **Se Deus está por nós, quem estará contra nós?** (I Cor. VIII, 31). E o sorriso acode imediatamente aos lábios. Um filho de Deus, um cristão que viva de fé, pode sofrer e chorar, pode ter motivos para sentir dor, mas para estar triste, não.

#### **A liberdade tem uma das suas manifestações mais características na fraternidade.**

A liberdade cristã nasce do interior do coração, da fé. Mas não é meramente individual, pois tem manifestações exteriores. Entre elas, uma das mais características da vida dos primeiros cristãos: a fraternidade. A fé — a magnitude do dom do amor de Deus — faz com que diminuam, até desaparecer, todas as diferenças, todas as barreiras: **já não há distinção entre judeu e grego, servo e livre, homem e mulher, porque todos sois uma só coisa em Jesus Cristo** (Gal. III, 28). Esse saber-se e amar-se de facto como irmãos por cima das diferenças de raça, de condição social, de cultura, de ideologia, é essencial no cristianismo.

**O Opus Dei não entrou nem entrará nunca na política de grupos e partidos, porque a sua missão não é a política.**

Não tenho por missão falar de política. Também não é essa a missão do Opus Dei, uma vez que a sua única finalidade é espiritual. O Opus Dei não entrou nem entrará nunca na política de grupos e partidos, nem está vinculado a qualquer pessoa ou ideologia. Este modo de actuar não é uma tática apostólica, nem sequer uma conduta meramente louvável. Para o Opus Dei, proceder assim é uma necessidade intrínseca, exigida pela sua própria natureza e expressa num sinal evidente: o amor à liberdade, a confiança na condição própria do cristão no meio do mundo, actuando com completa independência e com responsabilidade pessoal.

Não há dogmas nas coisas temporais. Não está de acordo com a dignidade dos homens tentar fixar verdades absolutas em questões em que por força cada um há-de contemplar as coisas do seu ponto de vista, segundo os seus interesses particulares, as suas preferências culturais e a sua própria e peculiar experiência. Pretender impor dogmas em matéria temporal conduz, inevitavelmente, a forçar a consciência dos outros e a não respeitar o próximo.

**Respeitar a opinião dos outros e amar o legítimo pluralismo. Deus ao criar-nos correu o risco e a aventura da nossa liberdade.**

Não quero dizer com isto que a atitude do cristão perante os assuntos temporais deva ser indiferente ou apática. De modo nenhum. Penso, porém, que um cristão tem de tornar compatível a paixão humana pelo progresso cívico e social com a consciência da limitação das suas próprias opiniões, respeitando por conseguinte as opiniões dos outros e amando o legítimo pluralismo. Quem não souber viver assim, não chegou ao fundo da mensagem cristã. Não é fácil e de certo modo nunca se chega a alcançar tal profundidade porque a tendência para o egoísmo e a soberba nunca morre em nós. Por isso, todos estamos obrigados a um exame constante, confrontando as nossas acções com Cristo, para nos reconhecermos pecadores e recomeçarmos de novo. Não é fácil chegar, mas temos de nos esforçar.

Deus ao criar-nos correu o risco e a aventura da nossa liberdade. Quis uma história que seja uma história verdadeira, feita de autênticas decisões, e não uma ficção, nem uma brincadeira. Cada homem tem de fazer a experiência da sua autonomia pessoal, com tudo o que isso supõe de acaso, de experiência e, em algumas ocasiões, de incerteza. Não esqueçamos que Deus, que nos dá a certeza da fé, não nos revelou o sentido de todos os acontecimentos humanos. Juntamente com as coisas que são, para o cristão, totalmente claras e seguras, outras há, muitíssimas, em relação às quais somente há lugar para opiniões, isto é, para certo conhecimento daquilo que pode ser verdadeiro e oportuno, mas que se não pode afirmar de modo incontroverso. Porque não só é possível que eu me engane, mas ainda que, tendo eu razão, a tenham também os outros. Um objecto que parece côncavo, parecerá convexo àqueles que se situem numa perspectiva diferente.

**A liberdade é a condição da convivência. A raiz do respeito pela liberdade está no amor.**

A consciência da limitação dos juízos humanos leva-nos a reconhecer a liberdade como condição da convivência. Mas isto não é tudo e nem sequer o mais importante: a raiz do respeito pela liberdade está no amor. Se outras pessoas pensam de maneira diferente da minha, será isso razão para as considerar como inimigas? Só o egoísmo ou a limitação intelectual daqueles que pensam que não existem outros valores além da política e dos empreendimentos temporais podem ditar tal atitude. Mas um cristão sabe que não é assim, porque cada pessoa tem um preço infinito e um destino eterno em Deus; por cada uma delas morreu Jesus Cristo.

É-se cristão quando se é capaz de amar não só a Humanidade em abstracto, mas também cada pessoa que passa perto de nós. É uma manifestação de maturidade humana sentir a responsabilidade pelas tarefas das quais sabemos que depende o bem estar das gerações futuras; mas isso não nos pode conduzir a descuidar a entrega e o serviço nos assuntos mais ordinários, a ter um pormenor de amabilidade para com as pessoas que trabalham ao nosso lado, a viver uma verdadeira amizade com os nossos companheiros, a compadecer-nos de quem tem necessidades, mesmo que a sua miséria nos possa parecer sem importância em relação aos grandes ideais que prosseguimos.

**Falar da liberdade é, enfim, falar de uma das maiores riquezas da fé.**

Falar de liberdade, de amor à liberdade, é apontar um ideal difícil, é falar de uma das maiores riquezas da fé. Porque — não nos enganemos — a vida não é um romance cor-de-rosa. A fraternidade cristã não cai do céu, de uma vez para sempre, mas é sim uma realidade que tem de ser construída em cada dia. E que tem de o ser numa vida que conserva toda a sua dureza, com choques de interesses, com tensões e lutas, com o contacto diário com pessoas que nos parecerão mesquinhas e com a nossa mesquinha parte também.

Mas se tudo isto nos desanima, se nos deixamos vencer pelo egoísmo ou se caímos na atitude céptica de quem encolhe os ombros, é sinal de que temos necessidade de aprofundar na nossa fé, de contemplar mais Cristo. Porque só nesta escola aprende o cristão a conhecer-se a si mesmo e a compreender os outros, a viver de tal maneira que seja Cristo presente entre os homens.